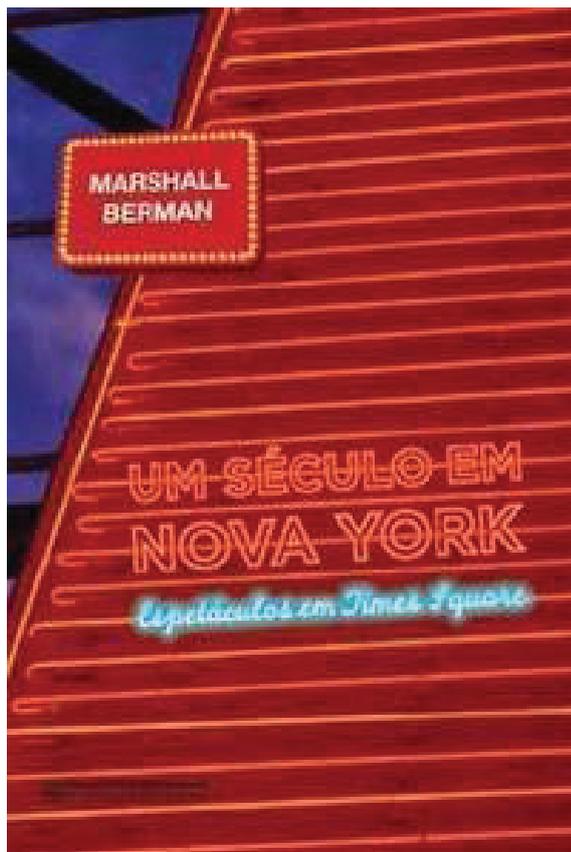


*Um banho de luz em Times Square
e na prosa de Marshall Berman*



Marcos Antonio de Menezes

Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor da Universidade Federal de Goiás/campus de Jataí (UFG). Co-organizador, entre outros livros, de *Narrativas da modernidade: história, memória e literatura*. Uberlândia: Edufu, 2011. pitymenezes.ufg@gmail.com

Um banho de luz em Times Square e na prosa de Marshall Berman

Marcos Antonio de Menezes

BERMAN, Marshall. *Um século em Nova York: espetáculos em Times Square*. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, 373 p.



A partir do século XIX, o urbanismo, a rua, passou a fazer parte, irremediavelmente, de nossas vidas, e é nesse cenário que o homem respira, passa, olha seu reflexo na vitrine e morre atropelado pelo fluxo do trânsito. Esse homem aparentemente singelo e calmo nutre-se das forças da rua. Grita no cruzamento, faz barricadas na porta da Sorbonne, saqueia supermercados e faz arrastão. Sozinho ou em bando, a rua o absorve e é por ele absorvida. Dessa fusão nasce o “caos” que faz brotar, do poste da companhia de luz, a “flor” que ilumina a “dança” nas calçadas e que traz, nos seus movimentos sofridos e serenos, a vida das pessoas que estão na rua, vivem na rua, que passam por ela e a observam da janela quebrada do apartamento no 25. andar.

A rua mostra o homem moderno com todos os seus conflitos ideológicos e de classe, conflitos emocionais entre íntimos, entre o indivíduo e a sociedade. São cenas de um modernismo contemporâneo. Ela se confunde com o interior das casas e sua fantasmagoria alimenta de energia os conflitos. As contradições sociais e psíquicas, fundamentais da vida moderna, estão nesse palco em permanente ameaça de erupção.

Conforme lembra Marshall Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, os planejadores do espaço urbano do século XX lutaram para tirar das ruas os conflitos. Tentaram colocar cada cena em um quadro distinto – pessoas aqui, tráfego ali; trabalho aqui, moradias acolá; ricos aqui, pobres lá adiante; separando tudo, com barreiras de grama e concreto. Mas não conseguiram: a rua ainda é monstruosamente bela.

Como o espadachim, o esgrimista, esse homem vai abrindo caminhos em meio à multidão. Aparando choques, ele apreende na memória essa nova sensibilidade. Nas palavras de Baudelaire,

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito flâneur, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no número, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e, contudo, sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um príncipe que frui por toda parte do fato de estar incógnito. O amador da vida faz do mundo a sua família, tal como o amador do belo sexo compõe sua família com todas as belezas encontradas e encontráveis ou inencontráveis; tal como o amador de quadros vive numa sociedade encantada de sonhos pintados. Assim o apaixonado pela vida universal entra na multidão como se isso lhe aparecesse como

*um reservatório de eletricidade. Pode-se igualmente compará-la a um espelho tão imenso quanto essa multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e o encanto cambiante de todos os elementos da vida. É um eu insaciável do não-eu, que a cada instante o revela e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia.*¹

Cruzar a soleira da porta de nossas casas e ganhar as ruas, pisar no asfalto quente, enfrentar o trânsito dos veículos, exige mais que coragem. Deixar o interior do lar, lá onde sabemos quem somos e o que está à nossa volta, para mergulhar na metrópole, é uma experiência dantesca que tem fascinado e feito calar corações. Homens e mulheres se deparam com a rua, perplexos ou entusiasmados, a amam e a odeiam.

Marshall Berman, em seu último livro lançado no Brasil em 2009 – *Um século em Nova York: espetáculos em Times Square* –, é este homem apaixonado pela cidade e suas ruas. Vagando por Nova York ele nos revela a face angelical e diabólica da metrópole.

Berman deixa seu leitor em pleno cruzamento da Rua 42 com a Sétima Avenida e a Broadway, no meio de uma multidão de americanos e turistas, à sombra de arranha-céus e diante de um impressionante painel de *outdoors*, letreiros luminosos e anúncios eletrônicos. Fino analista das promessas e das contradições da modernidade, Berman apresenta, ao mesmo tempo, uma história cultural do urbanismo e uma apaixonada celebração da vida nas cidades modernas.

Para Berman, como lemos em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, lançado no Brasil em 1986, a modernidade é uma experiência de tempo e espaço, e assim deve ser compreendida. O caráter ambíguo da revolução industrial e das características do capitalismo – que, a um só tempo, revoluciona os meios de produção e os instrumentos de reprodução do capital e trabalho e gera opressão e miséria para uma camada enorme da sociedade – está na gênese desses tempos modernos.

Em *Um século em Nova York*, a história narrada é a dos cem anos do surgimento de Times Square como um espaço público, representativo dos ideais do novo urbanismo americano do século XX. A ênfase certamente não é espacial; trata-se de um encadeamento de histórias relativas a eventos – teatrais, cinematográficos e musicais – sediados na cidade e especificamente na região de Times Square durante todo o século XX. Apesar disso, a rua está sempre presente. O espaço e, fundamentalmente, a condição pública do lugar, coordenam, envolvem e subjazem aos aspectos sócio-antropológicos e psíquicos.

Berman, apesar de marxista, é um amante da publicidade, da expressão, da manifestação, e, por conseqüência, o tema dos anúncios publicitários é central em *Um século em Nova Iorque*. Seu livro dá vazão à explosão comunicativa mercadológica representada pelos neons, *outdoors* e luminosos em geral. Sua simpatia pela dialética da capacidade do construir sobre escombros está presente e reforça a bandeira do direito humano à cidade.

Por outro lado, como que se aproximando, em certas passagens, da narrativa de um Flaubert, Berman evoca acontecimentos privados, com um tom abertamente sentimental. Brotam, então, reminiscências pessoais e familiares. A presença dos pais é uma constante; aliás, foi pela mão deles que aprendeu a passear pela Times Square. No inverno de 1904, o imponente edifício da Times Tower e o metrô dominavam a paisagem e o fluxo

¹ BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. In: *A modernidade de Baudelaire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 170 e 171.

de multidões que, como mariposas, são atraídas pela luz. Nesse coração pulsante da cidade, para onde afluíam imigrantes, trabalhadores do porto e dos bairros, muitos ícones surgiram. Era onde seu pai trabalhava e sua mãe e suas tias se arrumavam para a diversão.

A partir desse ponto ele tece, em longas páginas que se sucedem em capítulos, uma reflexão sobre a multiplicação das marcas visuais que o entroncamento das ruas 42 e 7 com a Broadway trouxe para o mundo contemporâneo. Berman elege o cartaz do beijo da enfermeira e do marinho no pós-guerra como o ícone da liberdade.

Ele não é o *flâneur* benjaminiano, mas suas caminhadas pela Square guardam algo desse ser emblemático. Sua viagem passa por filmes e peças paradigmáticos da cultura de massas, desde *O cantor de jazz* e *Taxi driver* até chegar a séries televisivas da contemporaneidade, como *Sex and the city*. E Berman celebra a vida nas cidades modernas.

O autor vai por vários caminhos do século XX que ajudaram a constituir a face da *Big Apple*, que incluem de Betty Boop a Madonna, do jazz aos musicais da Broadway, e remetem constantemente ao cinema e à fotografia que se produziu desde então. Para dar conta do objeto de sua reflexão, o século das luzes de Nova York, o autor não economiza em sua busca por grandes pensadores e grandes obras. Comenta, por exemplo, sua admiração pela obra do artista holandês Johannes Vermeer, *Estudo de uma jovem* – a moça de sorriso radiante e misterioso no quadro que foi transposta para o cinema, na adaptação do romance de Tracy Chevalier, de 1999, intitulado *Moça com um brinco de pérola*.

O refúgio para redigir suas notas e livros é seu apartamento na West Wend Avenue, soterrado pela biblioteca de milhares de livros que exercem seu imperialismo espacial muito além de estantes. É nesse espaço que, à moda de Baudelaire, ele cria o homem moderno como herói, a despeito da falta de traços tradicionais do heroísmo. O homem de terno é um bravo, já que a vida moderna oferece muito mais conflito. Seja como for, a rua, segundo o autor, seria a fonte garantida de energia renovável.

Há uma passagem no livro que é representativa da idéia do autor sobre liberdade de imprensa e tudo mais. Berman desenhava e fazia anotações na rua, quando foi abordado por um guarda do prédio da Agência Reuters (hoje Thomson Reuters) e foi notificado de que sua atividade contrariava as normas de segurança. Ele confessa que ficou irritado. A calçada democrática “era tratada como propriedade de um parque industrial”. Enquanto recorda como questionou o segurança, Berman aponta a ironia de que a Reuters é uma agência de notícias britânica, talvez a mais livre e consistente do mundo.

Ele cedeu à pressão surrealista de segurança, subproduto do 11 de setembro de 2001, mas usa o episódio para concluir o livro com “duas grandes idéias”. A primeira tem origem no Iluminismo: “o direito à cidade é um direito humano básico”. A segunda é o direito de ser parte do espetáculo da cidade. Berman reforça seu argumento com o grupo que apelida de “Marx Brothers do Rap”, os Beastie Boys, que um dia entoaram a palavra de ordem pela MTV: “vocês têm que lutar pelo direito de fazer a sua festa.”

Nos capítulos finais, é narrado mais objetivamente o processo de “revitalização” da região central da cidade nos anos 1990, com os planos, projetos e investimentos que reverteram a degradação das décadas de

1970/80. O autor descreve e interpreta também do processo de negociação público-privada, do plano, dos novos edifícios e da nova dinâmica cotidiana.

No final das contas, a obra de Berman guarda muitas e elaboradas reflexões. Ele realiza um complexo estudo do que transforma e em que se transforma o mundo de hoje. É uma leitura prazerosa, recheada de memórias visuais de impacto, sejam *outdoors* publicitários, espetáculos e personagens, sejam recordações do cotidiano de gerações que passaram por grandes guerras, revoluções e mudanças de paradigmas.



Resenha recebida em janeiro de 2011. Aprovada em abril de 2011.